A Queda

Sérgio Mergen

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mergen, Sérgio
A queda / Sérgio Mergen. -- 1. ed. --
Santa Maria, RS : Ed. do Autor, 2023.

ISBN 978-65-00-70061-9

1. Ficção brasileira I. Título.

23-157293 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

Uma pandemia, uma guerra, a queda de um asteroide. Esses são eventos inverossímeis, que não nos atormentam devido a sua raridade. É essa apatia frente ao improvável que evidencia o quão incautos somos, o quão despreparados estamos.

Da mesma forma, no inverossímil dia do julgamento, a ira de Deus se abaterá sobre nós. Quando isso acontecer, você estará preparado? Você saberá o que fazer?

A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda.
(Provérbios 16:18)

Sumário

Prólogo 7
Capítulo 1 – Algo que realmente valia a pena 10
Capítulo 2 – Por trás de todo tabelião 22
Capítulo 3 – Uma pedra que não se deixava dissolver 34
Capítulo 4 – A esposa em miniatura 40
Capítulo 5 – Mudando de cor 45
Capítulo 6 – Urro de rebeldia 50
Capítulo 7 – Algo jamais visto 56
Capítulo 8 – Pessoas a quem visitar 60
Capítulo 9 – Uma boa olhada para cima 64
Capítulo 10 – Uma missão pessoal 73
Capítulo 11 – Um goleiro tão fora do lugar 87
Capítulo 12 – Eles não entrarão 93
Capítulo 13 – Novas peças 100
Capítulo 14 – O céu não estava ajudando 106
Capítulo 15 – Estamos sendo avaliados 110
Capítulo 16 – Lugar escuro 123
Capítulo 17 – Um disfarce melhor 126
Capítulo 18 – Anjo Negro 134
Capítulo 19 – O outro lado do bar 145
Capítulo 20 – Um plano majestoso 152
Capítulo 21 – Uma casa melhor 161
Capítulo 22 – O grupo ao qual pertencia 167
Capítulo 23 – O império de Ageu 172
Capítulo 24 – Você não sabe o que está perdendo 180
Capítulo 25 – A escolha certa 184
Capítulo 26 – Os olhos da alma 194
Capítulo 27 – Sempre sujas 210
Capítulo 28 – Aquilo que pesava mais 217
Capítulo 29 – Obra inacabada 222
Capítulo 30 – Brincando com um leão 228
Capítulo 31 – Os recém-convertidos 232
Capítulo 32 – Um mundo novo 238
Capítulo 33 – Brindando no escuro 246
Capítulo 34 – A corneta deturpada do apocalipse 253

Capítulo 35 – A extensão do dano 269
Capítulo 36 – O lado bom de Sara 274
Capítulo 37 – Frágil bagagem 279
Capítulo 38 – Pinturas abstratas 283
Capítulo 39 – Você pertence ao breu 297
Capítulo 40 – Quando um pai oferece um prato 305
Capítulo 41 - Monossílabos 311
Capítulo 42 – Lesão invisível 323
Capítulo 43 – Voando baixo 328
Capítulo 44 – O culpado de tudo 334
Capítulo 45 – O último raio 339
Capítulo 46 – Rumo às nuvens douradas 342
Capítulo 47 – É aqui que tudo acaba 348
Capítulo 48 – Apenas os bons serão resgatados 355
Capítulo 49 – Pronto para o fim 358
Epílogo 378

Prólogo

Do alto da montanha era possível avistar o vale inteiro e a cidade que ali se assentara. Parecia sossegada vista de cima, e mal se notavam os carros que circulavam pelas ruas. Do ponto onde estavam, os arranha-céus viravam estacas coloridas, e os prédios menores cabiam nas garras dos gaviões que sobrevoavam a área.

Mais ao fundo, pequenos morros contornavam e limitavam a cidade. Era ali que o sol se escondia, ao fim de cada dia. Antes que tocasse os cabelos rasos das árvores distantes, ele lançava seus últimos raios sobre a plataforma de concreto, e criava um efeito que só se podia observar da montanha. Por um breve momento, a cidade de Caiápolis brilhava.

Para curtir a vista, Theo se sentava nos ombros de Samuel. Seu pai era a montanha sobre a montanha, um gigante que tocava as nuvens. Acomodado onde estava, sentia-se extremamente seguro.

— E então, pai?

Theo queria saber quais construções Samuel achava mais impressionantes. Para o adulto, elas eram todas iguais, sem nada que valesse a pena destacar.

— Eu gostei bastante daquela pontuda — prosseguiu o menino. — O que é aquilo?

Ajeitando as costas, Samuel soltou um suspiro queixoso. Antigamente, eles ficariam naquela posição durante todo o crepúsculo. Agora, o filho tinha sete anos, e era difícil suportar o peso por muito tempo, em todos os sentidos.

Quando o pai pedisse, Theo desceria, mas nunca antes. A maioria dos garotos daquela idade teria vergonha de posar dessa forma, mas não Theo. Nesse ponto, era muito parecido com a mãe. A única coisa

que importava era estar bem consigo mesmo, e fazer aquilo que sentisse vontade. Algumas coisas mudaram desde que ela se fora, e se ele não podia mais desfrutar de muitas delas, desfrutaria ao máximo tudo o que ainda podia, inclusive aquele raro passeio.

— Pai, você não vai responder?

— O que foi, Theo?

— Aquele prédio pontudo, ele parece ser bastante alto. O que é?

Samuel finalmente olhou para o lugar onde o filho apontava.

— A catedral.

— Ela é gigante.

Para o adulto, tudo era uma questão de perspectiva. Para quem estivesse distante o bastante, todas construções seriam igualmente pequenas e irrelevantes. E ele se achava distante de tudo.

— Agora, vamos — disse o mais velho, pousando o pequeno no chão. — Já estou com dor nas costas.

— Podemos ficar só mais um pouco?

— Não dá, filhão. Amanhã preciso trabalhar, e você tem escola.

— Mas ainda tá cheio de gente aqui. Podemos ficar até o sol se pôr? — perguntou Theo, tendo que seguir o pai, que já se afastava da beirada.

Theo pediria outra coisa, mas logo mudou de ideia. Mais do que contemplar o pôr do sol, havia outro lugar que ele gostaria de visitar, nas escarpas da mesma montanha: a trilha secreta. Ele a vira poucas vezes, mas se lembrava nitidamente da impressão que ela causara. Era improvável que aquelas matas tivessem sido pisadas por outros pés que não os deles próprios. A prova disso estava no final, onde ‘A Pedra’ encerrava o caminho. Foi na pedra que Samuel e Sara entalharam seus nomes, os únicos que nela apareciam. Ele queria ser o próximo a colocar a sua marca. Agora que sabia escrever, podia

também deixar o seu registro, o nome do terceiro aventureiro. Samuel, porém, não aprovava a ideia, e ele respeitava demais o pai para contradizê-lo. A montanha virara um lugar de pesar, um recanto de memórias tristes, pelo menos para Samuel. Se eram raras as vezes em que ele subia a montanha, era mais raro ainda percorrer a trilha.

Pensativo, chutava pedras soltas enquanto seguia em direção ao carro, parado na área destinada ao estacionamento. Atrás de si, deixava pequenas nuvens de uma poeira leve, que lentamente se reagrupava no chão, a espera que novos pés a pisoteassem. De certa forma, seu pai se parecia com a poeira. Ficava lá, letárgico, sem fazer nada. Só reagia quando alguém o provocasse, mas logo retornava ao estado anterior, exatamente no mesmo lugar onde fora pisado.

Já no carro, Theo soltou um suspiro e abriu a janela. Enquanto desciam, ficou a olhar para o lado, muito embora desejasse mesmo olhar para trás. Pensava na alegria do pai ao ter descoberto a trilha quando era adolescente. Pensava se algum dia voltaria a percorrê-la, e se perguntou se existiriam outros caminhos secretos. Também se perguntou se naquele mesmo instante uma outra criança não estivesse explorando a mata densa, com o pai de um lado e a mãe do outro.

Já Samuel não pensava em nada. Apenas se ocupava em descer. Para ele, os dias seguintes seriam como outros dias quaisquer, passando com a mesma morosidade, o mesmo arrastar de pequenos aborrecimentos. Ele não sabia que a vida de todos logo seria terrivelmente abalada. O mundo que ele conhecia estava prestes a sofrer uma ruptura, e sucumbiria penosamente diante de uma guerra deflagrada entre dois seres antagônicos. Também não sabia que aquela mesma montanha seria determinante em sua vida, muito mais do que já havia sido até então. Lá em cima, a verdade lhe seria revelada, e ele teria que tomar uma decisão. Era na montanha que a sua fé seria testada. E lá ele perderia a salvação.

Capítulo 1 – Algo que realmente valia a pena

O topo da montanha. Situado a 543 metros acima do nível do mar. Área de vegetação rasteira e pequenos amontoados de araucárias. Em sua composição se destacavam rochas sedimentares, moldadas por um processo de erosão que se desenrolou ao longo de milhares de anos. Essas seriam descrições possíveis de se encontrar em livros de geografia. Para saber mais do que isso, só mesmo vendo com os próprios olhos.

Para chegar até lá era preciso passar por uma estreita estrada de chão, criada por roceiros antigos e mantida pela Prefeitura Municipal. A estrada dava voltas e mais voltas, abrindo passagem pela mata virgem e cruzando por eventuais cascatas em miniatura e corredores de hortênsias. Em alguns pontos, tipuanas em ambos os lados se curvavam para dentro, enroscando seus galhos em apertos de mão amistosos. Por si só, o caminho era quase tão belo quanto a vista de cima. Foi dessa constatação que surgiu a ideia de transformar o passeio em um atrativo turístico da cidade, e a montanha no principal ponto de encontro dos cidadãos de Caiápolis.

Enquanto os demais garotos chegariam até o topo pelo modo convencional, Samuel insistia em fazê-lo por trilhas das mais impensáveis. Seu objetivo era descobrir uma rota otimizada até o ápice, que fosse ao mesmo tempo mais rápida e menos desgastante. Estava em busca de um atalho.

Para atingir essa meta, escolhia pontos aleatórios de partida, e abria caminho pela mata fechada. Por mais intransponível que a selva parecesse, ele persistia, e sacrificava o próprio corpo para romper as barreiras de espinhos entrelaçados. Imbuído de uma incrível força de vontade, própria de um garoto de 12 anos, estava certo de que algum dia seria recompensado.

Suas peripécias já o haviam levado a descobrir ‘A Pedra’, um lugar especial escondido em meio às árvores, onde um considerável pedaço da montanha havia sido derrubado por um desabamento. Estava certo de que ninguém conhecia o paradeiro da pedra, e isso tornava aquele lugar ainda mais especial. Afinal de contas, era um refúgio só seu.

De tempos em tempos, costumava dar uma pausa em suas intrépidas escaladas e visitar a pedra, apenas para se certificar de que ela continuava lá, e que ninguém mais havia estado. Logo a seguir, voltava a se aventurar mata adentro. Encontrar a pedra não era o bastante. Ele queria algo mais.

Ao término da mais recente escalada, verificou o relógio e balançou a cabeça, insatisfeito. Naquele dia em especial conseguira subir em tempo recorde. No entanto, estava arranhado e cansado. Um longo suspiro denunciou seu abatimento. Tanto desgaste não fazia parte de seus planos. Ele teria que tentar de novo.

Olhando para o céu, refletiu sobre as possibilidades. Era tarde demais para outra tentativa, mas ainda poderia assistir ao pôr do sol. Depois de um rápido ponderar, principiou a caminhar a passos largos. Precisava chegar logo até o mirante. O sol ainda demoraria a se pôr, mas ele queria aproveitá-lo ao máximo.

Nos últimos metros da caminhada, olhou em volta do mirante. Como imaginava, o lugar estava deserto. No sábado, a área estaria apinhada de gente. Como eram férias escolares, Samuel aproveitava os dias de semana para curtir sozinho aquele incrível espetáculo de cores no céu, que somente o verão conseguia proporcionar.

Ao se aproximar um pouco mais, percebeu que não estava tão sozinho quanto esperava. Próximo à beira, uma menina de longos cabelos castanhos admirava a vista, sentada com os braços esticados para trás para apoiar o tronco. Em frente a ela, um lindo sol alaranjado lhe fazia companhia. O astro estava parcialmente oculto por nuvens, o que não impedia que irradiasse diversos tons de cinza e vermelho.

Um pouco relutante, Samuel parou a poucos passos dela. Para não parecer suspeito, posicionou-se de forma que ela pudesse vê-lo. Sentindo a nova presença, ela virou o rosto, e o vento empurrou seus cabelos para frente dos olhos.

— Olá — cumprimentou ela, amistosamente. — Achei que fosse a única aqui.

— Olá. Eu também achei o mesmo.

— Quer se sentar?

A garota sorriu cordialmente e deslizou um pouco para o lado, mesmo havendo ali espaço para uma dúzia de pessoas.

— Sim, claro.

Polidamente, ele se sentou. Costumava ficar em pé, mas não poderia recusar aquele convite. Além do mais, o choque pela inesperada companhia tirou um pouco da sua naturalidade.

No céu, as nuvens coloridas faziam a sua parte, imitando buchas encharcadas de tinta repousando sobre uma folha de papel. Estavam diante de um dos entardeceres mais lindos daquele ano. Era isso que Samuel concluiria, se estivesse atento ao sol, e não à garota do seu lado.

Algo nela o instigava. Logo que chegou, teve-a em seu campo de visão por poucos segundos, e depois já estava com o rosto voltado para o desfiladeiro, fingindo interesse pela paisagem. O curto espaço de tempo em que a viu bastou para que quisesse olhá-la novamente. O espetáculo no céu continuava, e tudo o que Samuel conseguia pensar era que o sol caía rápido demais, e logo teriam que ir embora. Queria observá-la, perscrutar as trilhas do seu corpo, descobrir os caminhos ocultos em seu rosto. Não entendia. Era só uma estranha com quem trocara poucas palavras. Ainda assim, queria desesperadamente virar o rosto em direção a ela, e estava por demais nervoso para consegui-lo.

Quando ousou encará-la novamente, ela percebeu e retribuiu o olhar. Isso bastou para que ele se traísse desviando o rosto, e uma onda de calor atacasse seu pescoço. Teria que falar algo, logo. Do contrário, pareceria tímido e vacilante, e não queria deixar essa impressão.

— Você vem bastante aqui? — ele perguntou, depois de se certificar que essa abordagem não era de todo cafona.

Ela, no entanto, não respondeu. Estava a analisá-lo com o cenho franzido.

— O que aconteceu com você? — disse ela, finalmente.

— Ah, isso. — Samuel entendeu aquilo como uma menção ao estado deplorável em que se encontrava, e passou a espanar as roupas com as mãos. — Escalei a montanha. Por isso estou assim.

— O seu cotovelo!

A camiseta de Samuel estava suja e rasgada. No entanto, ela se referia a algo mais. À altura do cotovelo, a pele se rompera, deixando uma elipse de carne viva à mostra. O corte não sangrava, mas tinha um aspecto assustador.

— Nossa! — Samuel se mostrou igualmente surpreso ao ver a ferida. — Me machuquei dias atrás, e tive que levar alguns pontos. Acho que eles abriram.

— Deixa eu ver.

A menina delicadamente girou o braço de Samuel, para que pudesse ver melhor o dano causado.

— Talvez doa um pouco — ela avisou, e entornou um cantil de água na região afetada.

— Não precisa se preocupar — disse Samuel, meio sem jeito.

— Claro que preciso. Seu cotovelo está horrível. Pode acabar infeccionando.

Depois de esvaziar o cantil, ela gastou algum tempo pensando, apoiando a mão no queixo. Estava verdadeiramente aflita, apesar de ter acabado de conhecê-lo.

O exagero da situação atiçou ainda mais a curiosidade de Samuel. Em outras circunstâncias acharia a cena cômica, mas havia algo de encantador nos trejeitos da menina. De certa forma, gostou de vê-la preocupada.

— Você precisa ir para casa — aconselhou ela, com o semblante sério. — Eu te levo.

— Eu estou bem — disse Samuel, sem saber ao certo como proceder. — Depois pego um ônibus, lá embaixo.

— Venha comigo — ela chamou, e começou a caminhar em direção a uma bicicleta.

— Eu posso ir caminhando.

— A pé? Você levaria mais de uma hora descendo. Agora vamos.

Samuel não se moveu, e a observou se afastando. No fundo, realmente achava aquele zelo desproporcional. No entanto, sua recusa era movida por um motivo maior. Estava bancando o menino esperto, que não precisava de ajuda. De um jeito um tanto infantil, tentava impressioná-la.

Ao ver sua hesitação, ela voltou e o segurou pela mão. Com o toque, uma onda de energia se espalhou pelo corpo de Samuel.

— Se você pensa que vou deixá-lo aqui desse jeito, está muito enganado.

Dando um puxão, a menina conseguiu movê-lo alguns míseros passos, para logo em seguida vê-lo paralisar. Sem desistir, seguiu puxando, e lentamente avançando para perto da bicicleta.

— Você não queria ver o pôr-do-sol?

— No momento, você é a minha prioridade.

Diante de tamanha determinação, ele se deixou levar. Seu corpo, porém, não acompanhava a agilidade de quem o puxava. Continuava um tanto lento, emperrado pelo fascínio que ela lhe causava.

Uma mola rangeu quando a garota montou e pedalou mais para perto de Samuel. O banco traseiro ficou a sua frente, pronto para ser usado.

Sem ver alternativa, Samuel se acomodou na garupa. Não adiantaria mesmo resistir, pois ela insistiria até que ele aceitasse. Era parte da sua natureza ajudar quem estava em apuros, e Samuel estava tendo uma primeira mostra disso.

— Não vou mordê-lo — disse ela, ajeitando os pés nos pedais, e principiando o caminho de volta. — A mata já lhe mordeu o bastante por hoje.

• • •

Desciam rápido, a uma velocidade que parecia incompatível às típicas pedaladas de uma menina. Estava com pressa. Naquele ritmo, chegariam à rodovia em questão de minutos. De lá, Samuel pegaria um ônibus, isso se ela não se oferecesse a guiá-lo até em casa.

Durante a descida, seus cabelos por vezes roçavam delicadamente no rosto de Samuel. Ao invés de desviar, ele apenas mantinha os olhos fechados. Estava sentindo o perfume, carregado sobre ondas de cabelo sopradas pelo vento. Ele nunca esqueceria aquele cheiro, assim como não esqueceria o que faria logo a seguir.

— Pare — pediu ele, abruptamente. — Só por um instante.

— O que foi?

Com cuidado ela freou e colocou o pé no chão. Cerca de três metros adiante, do lado oposto da estrada, se destacava uma velha figueira sem folhas. Do outro lado, a estrada logo desaparecia em uma curva para a direita. Estavam próximos de um dos pontos de referência de Samuel, que ele utilizava para memorizar o caminho até a pedra. A passagem secreta estava quase ao seu lado.

—Fale. Está passando mal?

— Quero te mostrar uma coisa.

Nesse instante, Samuel percebeu o quão absurdo seria o convite que estava prestes a fazer, para alguém que sequer conhecia. Ela não aceitaria, e julgaria estar diante de algum maníaco.

Seja o que tiver que ser.

— Encontrei um lugar legal, dentro dessas matas. Aqui é a entrada — ele disse, indicando o marco zero. — Gostaria de te mostrar, se você quiser.

— Aqui?

A ideia de se embrenhar ali dentro lhe causou um calafrio.

— Fica a uns 15 minutos de caminhada. Mas vale a pena.

— Você quer que eu fique igual a você?

— Pode ficar tranquila — retorquiu Samuel. — Já fui bastante mordido por hoje. A mata está saciada. Não irá mordê-la também.

Ela riu, e Samuel sentiu suas chances aumentarem. Seu convite já não parecia mais tão absurdo. No entanto, a indecisão ainda pairava no ar. Precisaria provocá-la um pouco mais.

— A não ser que seja a mim que você tema.

— Bem, se não me engano, acho que minha mãe me aconselhou a não entrar no mato com estranhos sujos e machucados. Mas não é isso, é o seu braço.

— Eu estou bem.

O coração de Samuel acelerou. A possibilidade de convencê-la era real, e ele ficou ansioso de uma forma que não achava possível.

— Venha comigo, você vai gostar. Depois eu prometo ir direto para casa e esfregar o cotovelo com detergente.

— Não é assim que se limpa uma ferida, seu bobo. — O olhar dela denunciou um sinal de real interesse. — Por que você está fazendo tanta questão de me levar lá?

— Não sei. Só sei que preciso fazer isso. Parece bobagem, não é?

Aflita, a menina ergueu e abaixou os calcanhares sucessivas vezes. Samuel aproveitou o momento e se dirigiu até a entrada. Ali pousou a mão sobre um galho, como se tocasse uma alavanca que abrisse um portal. Ela fitou os próprios pés por um momento e depois virou os olhos para trás, antes de voltá-los para Samuel.

— Não acredito que vou fazer isso — ela disse, e ficou de frente para a entrada.

O começo da trilha era ocultado por uma vegetação densa, que nunca fora limpa para não atrair a atenção de outros desbravadores. Mesmo que alguém conseguisse encontrar o ponto de entrada, dificilmente avançaria. Não acreditaria que fosse possível existir algo que valesse a pena ser visto mata adentro.

As folhas farfalharam quando Samuel empurrou a alavanca, abrindo uma brecha para que ela pudesse entrar. Ela aproveitou para dar uma boa olhada. Observar o lado de dentro era como vislumbrar outra dimensão, de um mundo dominado por um complexo emaranhado de galhos e troncos.

Como um cavalheiro, Samuel aguardava, mantendo o braço esticado e sorrindo com o canto do lábio. Ela ainda daria um suspiro decidido antes de dar o passo derradeiro, e desaparecer no interior do manto verde.

• • •

O caminho até a parede não era mais tão tortuoso quanto fora nas primeiras vezes. Após realizar pequenas adaptações e decepar cipós e galhos com um facão enferrujado, Samuel tornou a trilha bastante agradável. Caminhando lentamente, passaram por fios d’água,

árvores ocas e cipós entrelaçados, marcos naturais que Samuel preventivamente mapeara em sua mente.

Silenciosa e atenta, a garota o seguia de perto. Mesmo tendo ela às suas costas, Samuel continuava sentindo o perfume a invadir suas narinas, o que o deixava levemente desorientado. Mais uma vez se perguntou como era possível que ela lhe causasse esse efeito.

Num dado momento, percebeu que caminhava a esmo, como se estivesse se movendo em modo automático, ignorando os mapeados pontos de referência. Sobressaltado, pensou na eventualidade de eles perderem o rumo. Caso isso acontecesse, seria difícil chegar até a pedra antes do anoitecer. Porém, poderia facilmente retornar para a estrada e descer o restante da montanha. Mesmo sabendo que não corriam o risco de ficarem completamente perdidos, ele resolveu se concentrar. Tinha uma oportunidade única, e não queria desperdiçá-la.

— Feche os olhos — ele pediu, quando faltavam poucos metros.

— Se fizer isso, vou cair — ela exclamou, preocupada com os desníveis e obstáculos pela frente.

— Se importa se eu a guiar?

— Tudo bem. Já cheguei até aqui mesmo. Não sei onde estou com a cabeça.

Mantendo uma respeitosa distância, Samuel se colocou atrás dela e tapou seus olhos com uma mão, enquanto com a outra se livrava dos impertinentes galhos que tinham escapado incólumes da fúria do facão.

— Pode abrir — ele avisou, depois de terem ultrapassado a vegetação e chegado a uma clareira.

Um pouco mais a frente estava a pedra, que ela observava fascinada. Era um enorme bloco de formato elíptico, semelhante à boca de um túnel ferroviário. Do lado onde estavam, ela media três metros de altura por dois de largura. O lado oposto era inacessível, colado ao

corpo da montanha. Encontrar um bloco daqueles em uma pedreira cercada por rochas já seria impressionante. O misterioso posicionamento no meio do mato o tornava ainda mais incrível.

— Eu a chamo de ‘A Pedra’.

O sol estava se pondo, o que diminuía consideravelmente a luminosidade. Vista à claridade, a pedra revelava uma imagem mais nítida de seus contrastes. No entanto, a obscura imagem gerada ao entardecer também encantava, além de causar um certo assombro, como deviam causar os deuses de pedra de tribos antigas.

Para chegar próximo a ela, era preciso subir por uma rampa irregular, uma escada de minúsculos degraus constituída por pedregulhos. A julgar pelo formato da inclinação, um desabamento grandioso parecia estar na origem daquela criação natural.

Colocando um dos pés sobre a rampa, Samuel a exortou a fazer o mesmo, estendendo um dos braços. Dando um sorriso maroto, ela lhe deu a mão e o seguiu. Com três passos, venceram a rampa e chegaram a uma base plana, a cerca de um metro do chão, onde puderam ficar rente ao monumento.

Imitando um gesto de Samuel, ela deslizou suavemente as mãos pela superfície da rocha. Seus olhos sequer piscavam. Em alguns pontos, farelos de um musgo ressecado se soltavam ao toque. Áspera e fria. Simplesmente fantástica.

Num dos pontos, ela sentiu os sulcos esculpidos que formavam um nome. Ao lado do nome, aparecia um pequeno risco na vertical.

— É o seu nome? — perguntou ela, admirada pela perfeição dos traços.

Samuel assentiu, com um sinal afirmativo da cabeça.

— Muito prazer — cumprimentou ela, estendendo o braço. — Meu nome é Sara.

Voltando sua atenção para a parede, Sara passou o dedo por uma linha vertical, ao lado da assinatura.

— E isto, o que representa?

— O número de anos passados desde que eu vim aqui pela primeira vez.

Ela o encarou admirada. Só havia ali um único risco.

— Quando você descobriu este lugar?

— Há três meses. Pretendo voltar todo ano, sempre fazendo uma nova marca.

— É uma ideia original — elogiou Sara, enviesando os olhos —, e romântica também.

— Você... quer assinar?

Sara ergueu as sobrancelhas. Já havia ficado surpresa quando Samuel a pediu para entrar na floresta. Esse novo convite era ainda mais inesperado.

— Eu adoraria.

Em seguida, ela olhou para baixo. Com a boca semiaberta, esforçava-se para segurar o ar nos pulmões e, assim, evitar comentários bobos. No fim das contas, não resistiu, e deixou que o ar saísse, junto com uma dúvida.

— Mas posso fazer isso? Quero dizer, eu não teria que voltar todo ano, assim como você?

— Creio que sim — anuiu Samuel. Se ela não propusesse essa condição, ele mesmo a proporia. — Se você quiser, é claro.

A base onde eles estavam era larga o bastante para três ou quatro pessoas. Ainda assim, estavam bem próximos um do outro, os ombros se tocando, numa diminuta área bem no meio da plataforma. Por um momento, os olhos castanhos de um se perderam nos olhos castanhos do outro.

— Temos que achar uma ponta de pedra para você riscar.

— Não.

Os joelhos de Samuel estavam parcialmente dobrados quando ela segurou seu antebraço, o que o fez voltar a esticá-los.

— Está ficando escuro — ela se justificou. — E você precisa cuidar dessa ferida. Acho que virei amanhã. — Sara soltou o antebraço de Samuel, e corou ao perceber o quanto demorara a fazê-lo. — Se você estiver de acordo.

— Amanhã? — repetiu Samuel, franzindo o cenho.

Numa fração de segundos, mil e uma ideias passaram em sua cabeça, explicações do porquê de deixar aquilo para outro dia. Desapontado, imaginou que ela simplesmente não quisesse mais a sua companhia.

— Com certeza — ele afirmou, dissimulando sua frustração. — Pode vir quando você quiser.

— Acho que não fui clara — sinalizou ela, sorrindo, e o fitou demoradamente. Seu semblante era alegre, e trazia nos olhos um brilho que nem mesmo o entardecer conseguia ofuscar. — Quero que você venha junto.

Os dois trocaram um novo e demorado olhar, e logo depois sorriram, cúmplices de um entendimento mútuo. Ela gostava da sua companhia, tanto quanto ele gostava da dela. Estavam marcando o primeiro encontro, o primeiro de muitos. O lugar onde estavam seria ponto de peregrinação, uma parada obrigatória quando quisessem viajar para fora da realidade.

Voltaram até a bicicleta conversando e rindo de coisas bestas, como fariam bons amigos. Samuel se sentia relaxado e caminhava com leveza, sabendo que era a garota atrás de si que o deixava assim. Sentia-se plenamente satisfeito. Depois de mais um dia de escalada, achou algo que realmente valia a pena, muito mais do que a descoberta da pedra. Na busca por um atalho, encontrou o amor da sua vida.

Capítulo 2 – Por trás de todo tabelião

Fechado em sua sala, Samuel se preparava para mais um dia de trabalho. Como de costume, começaria lendo o jornal, para depois prosseguir com as atividades administrativas.

O periódico trazia as notícias de sempre, salvo alguns casos bizarros que figuravam na sessão policial. Entre um gole de café e outro, ele passeava pelas páginas calmamente, lendo as manchetes principais e passando os olhos nos cadernos extras. Quando terminou a leitura, percebeu que não se lembrava de nada do que lera.

Não estava sonolento, mas sua mente dormia. Sempre que tentava direcionar seu pensamento para algo concreto, era invadido por uma sensação de torpor fora do comum.

O que está acontecendo comigo?

Ao desistir da leitura, dobrou o jornal e o levou até a área de descarte, numa bancada longe de sua mesa. Levantar trouxe ânimo, e Samuel creditou seu desgaste ao sedentarismo. Depois de alongar os braços e o pescoço, sentou-se novamente e ativou o monitor do computador.

A área de trabalho exibiu uma foto sua com Sara. Estavam em frente à pedra, sorrindo para a câmera que Samuel segurava com a mão esticada. Na foto, ele preservava seu perfil tradicional, penteando os curtos e densos cabelos pretos para o lado. Já Sara trazia o cabelo solto, como de costume. Samuel adorava aqueles longos e finos fios, e o perfume que deles exalava.

A parede formada pela pedra parecia provinda de um fundo falso. Era isso que muitos achavam ao se depararem com a imagem. Quando lhe perguntavam, Samuel apenas sorria, sem nunca revelar a verdade. Poucos conheciam a localização da pedra. Esse era um dos motivos pelos quais ele gostava tanto daquela foto. Ela

representava o que havia de mais exclusivo entre ele e Sara, e mesmo que não mais visitasse seu ponto secreto, sempre poderia contar com aquela lembrança digitalizada. Além do mais, era uma foto pitoresca. A parede escura realçava os contornos robustos de Samuel e os traços delicados de Sara. Não havia dúvidas. Eles realmente formavam um belo casal.

Contemplando a foto, Samuel se sentiu letárgico e triste. O pesado queixo buscava abrigo, ancorado numa das mãos, enquanto os dedos nervosamente amassavam um lado da face, retorcendo a boca e afundando a bochecha. O desânimo estava de volta.

Tinha textos para redigir e documentos para analisar. Por sorte, nada urgente. Samuel era o responsável pelo maior Cartório de Serviços Notariais da cidade. Em dias comuns, poderia permanecer o tempo todo em total inércia, apenas assinando formulários e adiando compromissos, se assim o quisesse. Naquele dia em especial, era isso mesmo o que ele pretendia fazer.

Quando Malaquias entrou na sala, Samuel estremeceu, e seu coração pulsou mais rápido. Seu plano teria que esperar.

— Já ouviu falar em bater na porta?

— Desculpe. Volto outra hora?

Malaquias era novo no cartório, e tinha uma curiosa vocação em realizar entradas repentinas. Samuel já estava acostumado. Por uma estranha razão, naquele dia ficou aborrecido.

— Diga, o que quer?

— Estou tratando da transferência do registro de um imóvel. O problema é que o imóvel está hipotecado. Não sei exatamente como proceder...

Malaquias fora contratado para aprender o ofício de Samuel, e substituí-lo nos eventuais casos em que Samuel estivesse ausente. O garoto havia se formado em Administração recentemente, o que o habilitava a exercer aquela função. Enquanto o tabelião precisava ter

formação em Direito, ao substituto bastava ter nível superior, na área que fosse.

Samuel se arrependia por tê-lo contratado, mas agora não podia fazer muita coisa. Devia um favor a alguém, e a forma que encontrou de pagá-lo foi dando uma chance para o filho. Na época, agiu por impulso, e prometeu o cargo a Malaquias sem saber que ele possuía um conhecimento praticamente nulo de legislação. Quando o jovem lhe trazia dúvidas banais, ele se arrependia ainda mais em não ter dado o cargo a alguém de sua confiança, algum funcionário que já trabalhava consigo, ou que pelo menos fosse advogado.

O garoto o olhava fixamente, aguardando resposta.

— Você já tentou perguntar para a Marta? Ela sabe tudo sobre... *esse tipo de coisa*.

— Não acho que seja o melhor dia para tirar dúvidas com ela.

— Por que não?

Malaquias ficou pensativo por alguns instantes, com a expressão típica de quem está ponderando se valia a pena responder àquela pergunta.

— Ela está estranha, meio carrancuda — ele sussurrou, como se alguém além de Samuel pudesse escutá-lo. — Aliás, não é só ela, todo mundo está agindo um pouco diferente.

— Baseado em que você afirma isso? — perguntou Samuel, interessado pela percepção do funcionário.

— Nunca havia visto a Marta de mau humor. Se fosse só ela, eu entenderia. Poderia muito bem se tratar de problemas pessoais. Mas meus amigos, alguns colegas. Alguns estão nervosos. Outros parecem abatidos como eu nunca os havia visto... como se tivessem acabado de perder alguém da família.

A analogia feita por Malaquias o fez baixar os olhos, nervoso pela possibilidade de ter dito bobagem. Afinal, ele sabia o quanto Samuel

sentia falta da esposa. Para evitar o constrangimento, ele limpou a garganta e continuou o diálogo.

— Nunca vi tanta gente fumando também. Eu percebo, já que odeio o cheiro. Minha mãe fumava quando eu era criança.

Agora que Malaquias comentara, Samuel se lembrava de ter percebido o mesmo, alguns dias atrás. Sentados em bancos de praça ou escorados em muradas altas, diversas pessoas se armavam de cigarros e expeliam densas nuvens de fumaça. Talvez muitas estivessem retomando um hábito antigo, pertencente a um passado remoto e que não imaginavam pudesse retornar. O mundo realmente parecia mais nervoso.

— E quanto a mim? — inquiriu Samuel, estreitando os olhos. Não fumava, mas se sentia igualmente alterado. — Também estou diferente?

— Você? Rapaz, aí fica difícil. Você foi sempre assim.

Mais uma vez, o assistente se arrependeu de falar sem pensar, metendo-se em outra situação embaraçosa. Felizmente foi socorrido por uma batida à porta, que foi empurrada suavemente até que a cabeça de Marta ficasse visível. Ao contrário de Malaquias, os demais funcionários eram mais cuidadosos quando tinham que falar com Samuel, mesmo quando estavam abatidos.

— Lavin, Aristarco quer falar com você.

— O que ele quer?

— É sobre o acordo pré-nupcial. Tentei lhe dizer que era ilegal, mas ele não me deu ouvidos.

— Hum... — resmungou Samuel, prevendo problemas.

Aristarco era dos empresários mais abastados da região, dono de uma grande rede metalúrgica. Sua presença no Cartório sempre foi sinônimo de alvoroço. Não raro, o audacioso investidor adquiria empresas menores e se envolvia em ações litigiosas com funcionários demitidos. O Cartório ajudava a comprovar a

legalidade dos seus atos. No entanto, o que ele agora queria simplesmente não podia ser fornecido.

— Mande-o entrar — ordenou Samuel. Aquela era uma questão delicada, e seria melhor que ele mesmo a resolvesse.

— Devo avisar uma coisa. Ele está agitado.

— Está vendo? — comentou Malaquias. — Mais uma evidência que favorece a minha tese.

— Que tese? — questionou Marta, encarando Malaquias com uma ponta de desconfiança.

— Mais tarde vocês conversam sobre isso — cortou Samuel, secamente. — Mande o velho entrar. Vamos resolver esse problema de uma vez por todas.

• • •

A aproximação de Aristarco foi anunciada pela sua bengala, que batia ruidosamente no chão. Apesar da idade, aquele homem tinha uma saúde de ferro. Não precisava de nenhum apoio para caminhar. No entanto, a bengala o acompanhava sempre. Além de produzir um irritante ruído, o velho também a usava para empurrar os obstáculos que se interpusessem em seu caminho. Foi com ela que ele abriu a porta e adentrou no escritório de Samuel.

— Bom dia, Aristarco. Em que posso ajudá-lo?

— O dia não está tão bom assim — ele respondeu, rudemente. — Seria bem melhor se os seus funcionários fossem mais atenciosos comigo. Mas é assim mesmo. Quando o assunto é importante, não adianta tratar com subalternos.

Aquele sujeito alto e magro vinha de uma estirpe antiga e conservadora, onde patriarcas eram venerados como autoridades extremas. Apesar de viverem em tempos modernos, ele mantinha essa tradição viva o máximo que podia. E o dinheiro que possuía o ajudava bastante.

Seu gosto pela hierarquia era percebível na forma como tratava os subordinados, ou pessoas por quem não nutria muita consideração. Somavam-se a isso os trejeitos indelicados e a voz áspera e apressada, que o tornavam uma figura um tanto assustadora. Ainda assim, mesmo quando prejudicado pelos entraves da burocracia, ele costumava ser de fácil trato, desde que fossem ignorados seus rompantes.

— Creio se tratar do acordo pré-nupcial. Estou certo?

— Exatamente.

— Infelizmente, nesse caso eu receio que eles tenham razão. Existe uma lei federal que impede a adoção do regime de comunhão universal de bens quando uma das partes interessadas possui mais de 70 anos. Pelo que consta nos nossos registros, você é alguns anos mais velho, não é?

— Tenho 78 anos, mas isso não vem ao caso. Eu tenho o direito de escolher o regime no qual quero casar. Sou um homem livre, e faço o que eu quero.

O caso de Aristarco ganhara notoriedade e os comentários corriam pelas ruas da cidade. Há pouco mais de dois meses, ele iniciara um relacionamento com uma menina de 24 anos, e agora anunciava publicamente seu desejo de se casar. No passado, Aristarco já havia perdido uma considerável parte de sua fortuna para a antiga esposa, e agora os boatos eram de que a jovem viera para lhe tomar o resto. Ao invés de mitigar essa desconfiança, Aristarco a atiçava ainda mais. Sua vontade parecia irredutível. Queria compartilhar com a nova esposa todo o seu patrimônio.

No fundo, Samuel sabia que aquele ato de compaixão para com a menina era ilusório. Aristarco aprendera a lição com a ex-esposa, e era o tipo de pessoa que não costuma cometer o mesmo erro duas vezes. Se Samuel reconhecesse o acordo de comunhão universal, e mais adiante a garota quisesse o divórcio, o velho simplesmente entraria com uma ação para anulação do pacto, dado que ele era

ilegal, em primeiro lugar. Se isso acontecesse, o maior prejudicado seria Samuel, por ter seu escritório associado a contratos ilícitos.

— Não tenho herdeiros legítimos, ninguém que conteste meus bens. Por que não posso escolher o que quero fazer com o meu próprio dinheiro?

— Acredite, a lei existe para salvaguardá-lo.

— Isso é a maior bobagem! — disparou Aristarco, extremamente irritado, ao ver que as respostas de Samuel coincidiam com as que ele ouvira dos demais funcionários. — Acha que não sei o que andam dizendo por aí? Essa gente só consegue ver picaretagem, talvez porque é o que elas fariam se estivessem nesta situação. É obvio que eu e ela precisamos nos preocupar com o lado financeiro. Eu a amo, e não quero que ela fique desamparada depois de minha morte. E tenho certeza que ela me ama também. Você há de concordar comigo, é injusto que ela tenha que permanecer pobre somente porque o destino a trouxe até mim. É extremamente injusto.

Samuel se remexeu na cadeira.

Injusto?

— Esse é um mero detalhe da lei. Com certeza não estragará o relacionamento de vocês.

— Você está de sacanagem comigo? — perguntou Aristarco, desafiador, imaginando que Samuel pudesse estar sendo sarcástico. — Diga-me uma coisa, você tem esposa, não tem?

É só olhar para o meu anel, seu tolo.

— Sim, eu tenho uma esposa.

— E você a deixaria passar necessidades, se estivesse em condições de protegê-la?

Samuel olhou para Aristarco como quem tentasse decifrá-lo, procurando descobrir se aquele homem realmente sabia tão pouco a seu respeito, ou se estivesse deliberadamente tentando humilhá-lo.

— Sei que você pode me ajudar, e não faz nada apenas porque não quer! — gritou o velho, com sua bengala apontada para Samuel.

Samuel nunca o vira tão transtornado. Os músculos de sua face tremiam, e seus olhos carregavam o ódio.

— Não sei do que você tem medo. É só lavrar a maldita escritura. Desse jeito você me obriga a procurar outro Cartório, onde os donos não sejam tão frouxos.

Por todo esse tempo, Malaquias permanecera na sala. Como um fiel assecla, aguardava pela reação do mestre. Propositalmente, Samuel permitiu que ele ficasse. Estava na hora de ele aprender a próxima lição.

— Vamos fazer assim — disse Samuel, calmamente entrelaçando os dedos sobre a mesa. — Tive uma ideia que vai ajudá-lo.

— Pois estou ouvindo.

Empurrando a mesa, Samuel fez as rodas de sua cadeira girarem para trás, dando a Aristarco uma visão melhor do seu corpo.

— A lei dita o que podemos e não podemos fazer. Basicamente, essa é a sua função. No entanto, mesmo que um artigo da lei nos proíba de fazer algo, pode existir outro que nos permita. São as chamadas brechas, que pessoalmente prefiro chamar de atalhos. E eu adoro atalhos.

Aristarco olhou desconfiado para Samuel, que prosseguiu com a retórica.

— Vocês dois estão legalmente impedidos de adotar a comunhão universal de bens. Mas se formos analisar de uma forma mais criteriosa, é possível chegar ao mesmo resultado de outras maneiras. De certo modo, o que esse contrato ao qual você tanto se apega determina é que, caso você '*falte*', seu cônjuge herdará todo o patrimônio. Claro, o contrato também garante que, enquanto você estiver vivo, ela tenha amplo acesso aos seus recursos financeiros.

Esse é o objetivo que você pretende alcançar. — Samuel encarou seu cliente com firmeza. — Preparado para os atalhos?

— Mal posso esperar — afirmou o velho, um pouco mais calmo, mas sem abrir mão da sua grosseria característica.

— Você poderia fazer um testamento. Ele tem valor legal, e garante que sua futura esposa seja a beneficiária, no evento da sua morte. No entanto, enquanto você estiver vivo, e aqui está o '*xis*' da questão, ela não terá direito a nada. É claro que, numa situação dessas, levando em conta os seus sentimentos altruístas com relação a ela e todo o *'amor'* que os une, você irá provê-la, suprindo todas as suas necessidades e evitando que ela passe qualquer necessidade, não é verdade?

Como era de se esperar, o velho assentiu, meneando positivamente a cabeça. Só que o fez após um longo intervalo, depois de um certo trabalho tentando engolir em seco. Ele já havia tentado isso, mas ela não aceitara essas condições. A garota queria firmar o pacto.

Levantando-se da cadeira, Samuel ficou frente a frente com o reclamante.

— Mas existe um porém. As estatísticas mostram que homens tendem a mudar o testamento na eminência de sua morte. Você é um homem vigoroso, e ainda tem muitos anos pela frente. Na prática, preparar um testamento agora teria um valor efetivo nulo. Pessoalmente, não acredito que você venha a deixar sua amada na mão, haja o que houver. Afinal, um amor tão grande quanto o seu resiste a tudo. Mas fatores externos podem atrapalhar, como mudanças na legislação. Nunca se sabe o que pode acontecer. Enfim, sua futura cônjuge não estaria tão protegida.

— Se você está dizendo... — respondeu Aristarco de forma evasiva, contraindo ainda mais a musculatura.

Ele não concordaria explicitamente com Samuel. Se assim o fizesse, estaria admitindo que a garota talvez desconfiasse de suas promessas. Para evitar essa situação, viu-se obrigado a resmungar

uma resposta vazia e, com isso, colocou-se na posição que Samuel desejava. A posição que Samuel planejara para ele.

— Existe outro atalho — prosseguiu Samuel, sem tirar os olhos de sua presa. — Doação. Você pode transferir todos os seus bens para ela.

Ante o novo atalho, os olhos de Aristarco se arregalaram.

— Você perderia todo o seu espólio, e ela seria a nova proprietária. Claro, você continuaria a assessorando, administrando os negócios. Não tenho dúvidas de que ela o manteria como encarregado oficial. Seria uma grande prova de amor, um ato de extrema confiança, não é mesmo?

—Sim... seria — ele concordou, com voz quase inaudível. — Mas esse tipo de transferência deve ser ilegal.

— Não é ilegal, como eu lhe disse, é apenas um atalho. O que pode acontecer é você ser investigado pelo Ministério Público, caso eles desconfiem que exista má-fé na transação. Quero dizer, má-fé no sentido de desvio de recursos que deveriam parar nos cofres da união. Se existir qualquer outro tipo de segundas intenções por trás da transferência, eles não se importam. Deixa de ser problema deles.

Sem que o velho percebesse, Malaquias balançou a cabeça e sorriu com o canto da boca. Esse era o Samuel que ele conhecia.

— Como você sabe desses pormenores?

— Fui Promotor Público durante alguns anos. Deparei-me com casos semelhantes. Aliás, esse é o tipo de informação que empresários costumam conhecer. Estranho que você não tenha ouvido falar sobre isso.

Os olhos de Aristarco se moviam rapidamente, e sua bengala voltou a tocar o chão. Agora que Samuel realmente lançava mão de sarcasmo, o velho estava confuso demais para percebê-lo.

— Claro, existe o caminho intermediário.

Sem muita convicção, Aristarco deu a entender que queria que Samuel continuasse.

— Faça as doações, mas não todas de uma vez. Não há motivo para pressa. Transforme suas empresas em Sociedades Anônimas, e lentamente transfira as ações para a esposa.

Educadamente, Samuel pôs a mão nas costas de Aristarco, convidando-o a sair.

— Dê tempo para que o amor entre vocês floresça. Deixe que ele cresça à medida que o seu patrimônio for diminuindo.

Com uma leve pressão, Samuel o impulsionou para frente. O homem não ofereceu resistência. Estava mais preocupado em organizar seus pensamentos. Ao lado, Malaquias se controlava para não deixar escapar um gargalhada.

— Caso algum desses atalhos lhe interessar, converse com um dos meus atendentes. Eles poderão lhe explicar minuciosamente o procedimento correto.

Quando o velho deu as costas, Malaquias parabenizou Samuel, erguendo o dedo polegar. Como resposta, Samuel lhe indicou a saída. Não era apenas o empresário que ele estava expulsando.

Novamente sozinho na sala, Samuel retornou para a sua mesa de trabalho e ativou o monitor, que estava no modo de economia de energia. A foto de Sara reapareceu, expurgando o preto que povoava a tela.

Injusto?

As palavras de Aristarco ecoavam em sua memória. Se havia algo que não suportava, eram pessoas que se consideravam vítimas quando, na verdade, só eram vítimas da própria piedade. Assim pensando, procurou novamente o amparo da mão, onde descansou o queixo, enquanto voltava a admirar a foto de Sara. Contra a parede de pedra, ela parecia ainda mais jovem.

Aristarco não tinha o direito de atacá-lo daquele jeito. Era óbvio que ele sabia sobre Sara. Tocar no assunto era a forma que encontrara para explicar por que Samuel se negava a ajudá-lo. Se Samuel contasse o que houve, Aristarco aproveitaria para reforçar a sua tese pessoal sobre justiça. Seria a oportunidade perfeita para confrontar o tabelião, acusando-o de invejar a felicidade dos outros por ter ele próprio perdido a sua.

Esse era o plano do velho, seu modo bruto e insensível de provar um ponto de vista, se Samuel tivesse caído na armadilha. Para sua surpresa, ele não caiu. Era preciso mais do que aquilo para enganá-lo. E quem quer que tentasse, veria as acusações voltando para si mesmo, como raios ricocheteando em uma parede de chumbo.

Na ânsia em impor a sua vontade, ignorou as qualificações daquele a quem resolveu enfrentar, e se esqueceu da regra básica que determinava quem tinha condições de assumir um cargo como aquele. Esqueceu-se que, por trás de todo tabelião, existia também um advogado.

Capítulo 3 – Uma pedra que não se deixava dissolver

A toalha vermelha contrastava com o chão verde onde ela fora colocada. Sobre ela se deitavam alguns sanduíches e latas de suco. Guardavam lugar para o casal que, no momento, estava mais entretido riscando uma parede.

Em Caiápolis, ou em qualquer outro lugar do mundo, piqueniques ocorriam em parques públicos, onde as toalhas dividiam espaço com dezenas de outras, e cachorros roubavam a comida se os donos estivessem distraídos. No entanto, não se podia dizer que Samuel e Sara formavam um casal normal. Faziam tudo o que típicos namorados faziam, mas iam além, pois compartilhavam um segredo que os diferenciava dos demais. Quando surgia a oportunidade, metiam-se mato adentro, apenas para chegar a uma instransponível barreira de pedra. Para os dois, não existia lugar melhor para se fazer um piquenique.

Naquele dia, estavam lá por uma razão especial. Comemoravam aniversário de namoro. Conforme combinaram, tinham que registrar a ocasião na parede. Assim, armados de pequenas pedras pontiagudas, eles esticavam traços, torciam ângulos, formavam quadrados. Aos poucos, teciam uma intrincada declaração de amor.

Parte do acordo era atualizar o registro somente enquanto ainda estivessem se amando, ou enquanto a pedra não viesse abaixo por um motivo ou outro, como um terremoto devastador ou por simples desgaste natural. Quando pensavam a respeito, concluíam que só havia uma forma de o ciclo ser interrompido. A pedra teria que se dissolver, pois seu amor duraria para sempre.

Sara estava a eternizar a marca do décimo primeiro ano, e era observada de perto por Samuel, escorado contra a parede. Ele estava com um sorriso bobo nos lábios, olhando-a de cima para baixo. Sara vestia uma calça jeans justa e uma blusa verde que deixava a barriga

de fora. Trazia uma máquina fotográfica na frente do corpo, presa por uma corda que dava a volta no pescoço.

— Você é linda, sabia?

Interrompendo a escrita, ela virou o rosto e o advertiu com um sorriso.

— Para com isso. Se tirar a minha concentração, vou acabar errando.

— Não tem muito a errar. É só um risco.

— Mas será um risco perfeito — disse ela, num sussurro cuidadoso, como se sua voz pudesse deturpar a linha que desenhava. Depois de um último retoque, voltou a encarar o marido. — E não deixarei que estrague minha obra de arte. A propósito, deve ser por isso que você está me provocando. Quer que a minha marca fique torta igual a sua.

— Ei, a minha não está tão mal assim.

— *Claaaaro* que não — afirmou ela exageradamente, esticando ao máximo cada sílaba que pronunciava. Aproximando-se do marido, envolveu-o em um abraço. — Seus riscos são lindos, assim como você.

Depois de um demorado beijo, ela finalmente deixou cair a pedra que segurava e espanou as mãos uma na outra.

— Esse beijo me deixou com fome. Vamos comer o sanduíche.

— Ah sim, o sanduíche — disse ele, em tom irônico.

— O que foi?

— Acho que nenhum outro casal da nossa idade faz piqueniques.

— E você acha isso ruim?

— Não, não. É apenas diferente. Mas diferente é bom.

— Boa resposta — disse ela, estreitando os olhos, e se preparou para descer a rampa.

Antes que conseguisse dar um passo, Samuel a puxou para perto de si, e ela bateu com as mãos espalmadas em seu peito, protegendo a máquina do impacto. Outro longo beijo sucedeu aquele momento.

Ainda abraçados, ele se lembrou da primeira vez que seus lábios tocaram os dela, ali mesmo, em cima da plataforma, no dia em que Sara fazia seu primeiro registro. Em seguida, pensou em como os dois mudaram de lá para cá, em todos os sentidos.

Samuel crescera muito, passando de uma criança miúda a um homem alto e vigoroso. Já Sara se tornara uma mulher exuberante, e continuava exalando o mesmo cheiro que deixava o namorado enfeitiçado. Eram adultos agora, e moravam juntos. Pagavam contas, enfrentavam dilemas, assumiam responsabilidades. Por isso, o que estavam fazendo parecia tão curioso. Era como se lutassem para preservar alguns dos traços juvenis, enquanto seus corpos e atitudes tentavam convencê-los de que estavam ficando velhos. Samuel sabia que essa fase acabaria passando. Continuariam voltando à montanha, mas sem a toalha e a cesta. Provavelmente se recordariam de momentos como aquele com um sorriso nostálgico, nos momentos em que percebessem como as árvores ficavam mais altas e a pedra levemente mais gasta.

— Devíamos tirar uma foto — sugeriu ele, delicadamente, e Sara o encarou tentando adivinhar se aquilo era uma continuação da brincadeira anterior.

— Você sabe que não gosto de fotos — ela replicou, ao ver que Samuel falava sério.

— Não consigo entender. Você carrega essa máquina fotográfica para cima e para baixo.

— É para as paisagens, meu querido. Para capturar os mais belos momentos que a natureza é capaz de proporcionar.

— Também fazemos parte da natureza. Imagine capturar um beijo nosso em uma foto. Seria uma paisagem em tanto.

Em um movimento rápido, Samuel tirou o cordão da máquina do pescoço de Sara e se afastou, apontando as lentes em sua direção.

— Vou tirar a foto de qualquer forma. Você pode aparecer sozinha ou compartilhar da vergonha comigo. A decisão é sua.

Sara avançou para recuperá-la, mas Samuel a ergueu fora de seu alcance.

— Samuel Lavin!

Só havia duas situações em que ela o chamava pelo nome completo. Quando estava furiosa, ou extremamente furiosa. Samuel torceu que fosse a primeira alternativa. Só assim teria uma chance de convencê-la.

— Uma foto só.

— Já disse que não — reafirmou ela, pulando pateticamente, mal tirando os pés do chão.

— Não temos nenhuma foto aqui na pedra.

O apelo de Samuel a fez parar de caçar a máquina por um momento e analisar o pedido, com os braços cruzados na cintura. Percebendo a oportunidade, ele fez uma irresistível expressão carente.

— Assim você não me deixa escolha — ela disse, resignada, e suspirou profundamente. — Vamos logo com isso então. Como vai querer?

— Aqui em cima. Nos dois juntinhos, e a pedra atrás.

Dando de ombros, Sara se juntou a ele. Escorada contra a parede, fez a melhor pose que se permitia fazer. Com o braço esticado, Samuel ajustou a máquina diversas vezes, procurando obter a angulação correta.

—- Acho que agora está ok. Pronta?

— Nunca estarei pronta para isso.

— Apenas sorria, e deixe que *'a natureza'* faça o resto.

Assim que o botão foi pressionado, Sara estendeu a mão agilmente, recuperando o pertence tomado. Analisando a foto pela tela de cristal líquido, torceu o nariz em sinal de desaprovação. Curioso, Samuel se parou atrás dela para ver o que estava errado, e só o que viu foi a bela imagem de um casal apaixonado.

— É, até que você não ficou tão mal — ela comentou, jogando o pescoço para trás, deixando que ele roçasse no nariz do marido.

— E você ficou maravilhosamente bem, para alguém que não se julga fotogênica.

— Hm... — resmungou ela, saindo de perto antes que ele a prendesse em seus braços. — Faça bom proveito dessa foto, pois será a única.

— Primeiro ouça minha proposta — disse ele, mostrando-lhe as palmas das mãos, como se estivesse empurrando uma parede invisível. — Podemos fazer isso todo ano, para manter um registro conforme envelhecemos.

— Pensei que a pedra servisse para isso. Manter o registro.

— Mas a pedra irá se dissolver, lembra? Nosso amor é mais forte do que ela.

— Você, hein? — Sara o encarou vivamente, reconhecendo a estratégia que ele utilizava. — Fique sabendo que esse sentimentalismo barato não funciona comigo. E além do mais, se a pedra não resistir, tampouco irão as fotos. Elas também se deteriorarão, muito antes do nosso amor, não é mesmo?

— Mas as fotos são digitais, podemos copiá-las e ...

Quando olhou para Sara, o advogado resolveu parar por ali. Aquela mulher a sua frente sabia lançar um perfeito olhar de reprovação, de alguém que estava sem a mínima vontade de prolongar aquela discussão.